

# Arquitetura Militar

Adler Homero Fonseca de Castro<sup>1</sup>

A atividade bélica é uma constante na evolução humana – a competição por recursos escassos, diferenças ideológicas ou religiosas, assim como preconceitos de raça, geraram tensões, que levaram a embates abertos entre grupos e sociedades. Tendo em vista maximizar os meios de se proteger, os grupos procuraram melhores meios para defesa e ataque, como armas e armaduras, cada vez mais complexos, gerando mudanças não apenas em termos de cultura material, mas também de sistemas de organização social e modos de comportamento.

Uma das formas mais evidentes e duradouras dessas modificações culturais foram as construções feitas com motivadores bélicos, o que normalmente se associa à *arquitetura militar*. Em termos muito simples, do senso comum, ela seria o ramo da atividade humana visando à construção de obras defensivas, capazes de resistir a um ataque, mas essa definição é simplista, pois ignora que o campo é muito mais vasto, indo de monumentos até o urbanismo. Inclui, por exemplo, tudo o que se chama mais propriamente de *engenharia militar*, o ramo que cuida das obras de engenharia necessárias à execução de operações militares, como estradas, pontes e outros tipos de obras. Trata também de outras que poderiam ser consideradas comuns, como portos, desde que feitas pensando na atividade das forças armadas. Isso tudo incluindo, é claro, as fortificações: fortalezas, fortes, redutos, baterias, castelos e outros.

As origens desse ramo de atividades são antigas: em um passado mais remoto, variando de sociedade para sociedade, começaram a surgir especializações, em uma mudança que é bem conhecida, com o surgimento de classes de trabalhadores e de proprietários (MARX, 2008). Estes últimos, nem que fosse para justificar sua razão de ser e de seus privilégios, começaram a criar estruturas para a proteção de seus grupos, as fortificações. Mesmo em grupos com pouca diferenciação social, havia uma organização social para a proteção contra a violência, que incluía a construção de obras de fortificação mais ou menos complexas. Houve uma grande variedade de tipos de obras com essa função ao longo dos séculos, como paliçadas, fossos, muralhas de terra

---

<sup>1</sup> Graduado em História (UERJ), mestre em História Social (PPGH/UFF), doutorando em História Comparada (PPGHC/UFRJ). Pesquisador do IPHAN, do Centro de Pesquisa de História Militar do Exército (CEPHiMEx), sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, conselheiro do Museu de Armas Históricas Ferreira da Cunha (MAHFC) e Curador de Armas portáteis do Museu Militar Conde de Linhares (MMCL).

ou de *faxina* (terra contida por cestaria de gravetos), tijolo ou pedra. Estas podiam proteger uma família, uma povoação, uma cidade ou até áreas de centenas de quilômetros de extensão, sendo a mais famosa dessas extensas linhas a grande muralha da China, com mais de 21.000 km de extensão.

As estruturas defensivas mais antigas que foram localizadas são pré-históricas, datam do período Neolítico, quando os grupos humanos passaram a ser sedentários, possibilitando o investimento na construção de obras de maior vulto, que não se destinavam apenas a servir de abrigo. A cidade de Jericó, famosa por ter sido citada na Bíblia, tinha uma muralha, construída entre 8.350 e 7.350 anos a.C., com cerca de cinco metros de altura e três de espessura, com setecentos metros de perímetro, protegendo uma população de cerca de duas mil pessoas. Mantendo uma continuidade ao longo dos séculos, estruturas com funções defensivas ainda são feitas nos dias de hoje, como os silos de mísseis nucleares, capazes de resistir a um impacto aproximado de uma bomba atômica.

No entanto, essas construções defensivas não podem ser vistas apenas de um ponto de vista utilitário, como um abrigo contra um ataque. De um ponto de vista psicológico, criam também uma sensação de segurança nos moradores e intimidam um inimigo. Esse fato é algo que deve ser considerado sempre que se analisa uma fortificação: não importa que uma fortificação nunca tenha sido usada em combate, como acontece com a imensa maioria delas. Sua função primordial é proteger algo, e, se ela consegue isso através da intimidação, seu objetivo primário foi atingido.

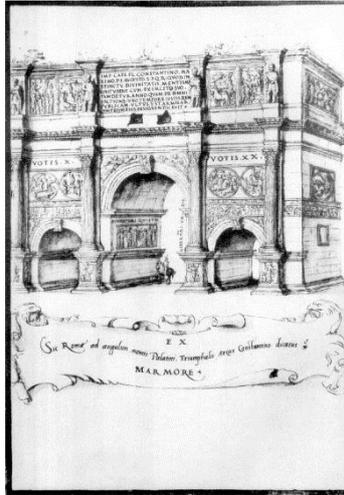
Em relação ao aspecto simbólico ligado à arquitetura militar, as estruturas eram também meios de controle social, permitindo que um grupo social dominasse um outro muito maior, mas que não dispunha dos recursos para atacar aqueles que o oprimiam. Assim, desde cedo, as fortificações foram associadas à demonstração de poder, tanto do ponto de vista da criação de uma sensação de segurança contra ataques inimigos, como de uma suposta prova material da supremacia de um grupo social sobre outros.

Este aspecto de ligação das atividades bélicas com a sociedade como um todo se tornou um elemento comum no cotidiano das sociedades: uma característica da arquitetura grega clássica, muito copiada no período eclético, eram as *cariátides*, estátuas de mulheres carregando pesos, feitas para lembrar o destino das esposas e filhas dos cidadãos, a escravidão, caso as defesas erguidas nas cidades falhassem (VITRUVIUS, 1914).

Outro caso de valor simbólico pode ser visto nos portões de acesso aos castelos, fortes, fortalezas, cidadelas e cidades muradas. Esses também tinham um valor de representação: até hoje a entrega das “chaves de cidade” é considerada como uma honraria, pois, metaforicamente, se coloca a cidade à mercê da pessoa homenageada, um símbolo de submissão. Isso porque as portas eram a parte mais vulnerável de uma fortificação, por implicar em uma abertura nos muros. Dessa forma, elas sempre receberam trabalhos de fortificação extra, dando-lhes um aspecto mais imponente que o resto das defesas. Além disso, sendo o ponto de acesso ao forte ou povoação, os governantes e arquitetos dedicavam maiores esforços em termos de decoração, para intimidar com a grandiosidade das construções um possível atacante ou mesmo os próprios habitantes locais.

Outros símbolos de poder se tornaram comuns em termos de arquitetura militar urbana, com o surgimento dos que podem ser considerados os primeiros exércitos permanentes, o Grego e, especialmente, o Romano. Como parte de sua cultura, os governos passaram a adotar uma série de costumes visando valorizar sua proeminência militar sobre os inimigos nacionais. As armas capturadas ao inimigo eram imortalizadas em monumentos, com o nome de troféus, e os governantes construíram monumentos para lembrar seus sucessos militares, como a estátua da deusa Vitória (esculpida em c. 220 a.C.), encontrada em Samotrácia, erguida sobre a proa de um navio de guerra.

Os romanos foram particularmente prolíficos na produção desses monumentos, como a coluna de Trajano, que narra as campanhas daquele imperador na Dácia (101 a 106 d.C.), nos Balcãs. Outro tipo de monumento comum, introduzido pelos latinos, foram os “arcos dos triunfos”, simbolizando um portão, por onde os vencedores de uma ação militar passavam. Um tipo de construção simbólica que ainda é feita nos dias de hoje, sendo colocada em um ponto importante das cidades, como lembrança das glórias obtidas pelos países. Nessa mesma linha de criação de monumentos para a homenagem militar, havia as estátuas dos governantes, especialmente as equestres, que são muito reproduzidas no mundo ocidental.



Arco de Constantino em Roma, desenho português do século XVI (HOLANDA, 1989).

Os romanos também introduziram um costume que se tornou comum no mundo moderno: o uso de quartéis. Esse foi um passo decisivo no surgimento de uma separação clara entre os interesses dos governos e da sociedade como um todo, pois, com os exércitos permanentes, as forças armadas deixaram de ser compostas por cidadãos armados, passando a serem formadas por pessoas que faziam o serviço militar por dinheiro, profissionais controlados pelas elites locais. Uma forma de aumentar esse controle era segregar os soldados da sociedade como um todo, criando um sentimento de pertencimento a uma organização separada e distinta das pessoas comuns, o que permitia que os líderes usassem a força armada mesmo contra os interesses do próprio grupo social de onde provinham os soldados. Exemplos desse uso de tropas que se tornavam segregadas e, portanto, mais fáceis de serem controladas, podem ser vistos nos *janízaros*, escravos recrutados entre os cristãos para servirem aos sultões turcos, ou nos *sipaios*, tropas do Império Britânico na Índia. Eram forças de nativos, que ajudavam seus colonizadores a dominar os próprios habitantes das regiões onde eram recrutados.

Os quartéis teriam uma grande influência na formação dos exércitos, como um mecanismo de controle social e de uniformização de comportamentos, dando ênfase a uma forma de pensar em que o coletivo passou a ter mais importância do que o individual (FOUCAULT, 1977).

De um ponto de vista prático, todas as obras de arquitetura militar têm uma dupla função, utilitária e simbólica, mesmo aquelas que, aparentemente, não têm um uso imediato e visível, mas foram feitas tendo em vista criar um determinado sentimento nas sociedades que as geraram, de sensação de segurança, demonstração de poder e organização do governo. Entretanto, esses aspectos tendem a desaparecer da sociedade

moderna, sendo hoje os prédios construídos para uso militar apenas funcionais, sem uma grande preocupação com seu aspecto simbólico, em parte por causa da crescente dissociação que há entre as forças armadas e a vida cotidiana das sociedades. O uso de obras exclusivamente para fins militares, como as fortificações, também foi muito reduzido na atualidade e, dessa forma, a arquitetura militar, como um campo específico da arquitetura, tem sua difusão muito restrita. Entretanto, no passado, foram feitas mais de 1.300 fortificações no Brasil, das quais 66 são tombadas individualmente ou em conjunto, sendo um dos grupos representativos do patrimônio histórico tradicional, não por seu aspecto artístico, mas sim por serem símbolos da formação do Estado Nacional.

#### **Fontes consultadas:**

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.

HOLANDA, Francisco de. *Álbum dos desenhos das antigualhas*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

MARX, Karl. *O capital*. Crítica da economia política. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

VITRUVIUS. *The ten books on architecture*. Harvard: Harvard University Press, 1914.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1982.

**Como citar:** CASTRO, Adler Homero Fonseca de. *Arquitetura Militar*. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.